

Economia do desequilíbrio, sistema de preços e instituições: elementos de análise*

Alain Herscovici

Doutor em Economia pelas Universidades de Paris I Panthéon-Sorbonne e de Amiens, Coordenador do Grupo de Estudo em Macroeconomia (GREM) do Departamento de Economia da UFES e Professor do Mestrado

Resumo

A partir da natureza da regulação assegurada pelo sistema de preços e do mercado, definiremos dois universos: o do "mainstream", que se caracteriza pela racionalidade substantiva dos agentes e pela eficiência do mercado, e o heterodoxo, que, em função da incerteza, dos diferentes desequilíbrios e da ausência de regulação de mercado, ressalta a instabilidade do sistema capitalista. O papel e a natureza das instituições serão analisados no âmbito de uma abordagem heterodoxa.

Palavras-chave

Sistema de preços; regulação de mercados; instituições.

Abstract

From the nature of regulation brought forward by the price system and the market, we define two universes: first, the mainstream, characterized by the agents' substantive rationality and, second, the heterodox, which stresses the capitalist system's instability due to uncertainty, different disequilibria and lack of market regulation. The role and nature of institutions are analysed within the scope of an heterodox approach.

Os originais deste artigo foram recebidos por esta Editoria em 15.11.00.

* Este *paper* constitui uma versão modificada de um texto que foi apresentado no IV Encontro Nacional de Economia Política, em Porto Alegre, em junho de 1999.

Este artigo propõe-se a analisar o papel dos preços na regulação de mercado. Depois de ter definido o corte teórico que permite diferenciar o *mainstream* e a heterodoxia, veremos em que medida, no âmbito de uma abordagem heterodoxa, o sistema de preços não tem condições de implementar a regulação de mercado. A partir dessa perspectiva, que ressalta a instabilidade intrínseca do sistema e o papel dos diferentes “desequilíbrios”, estudaremos a natureza “imperfeita” da regulação de mercado e analisaremos o papel crucial que as instituições cumprem no processo de reprodução do sistema.

1 - O corte teórico

1.1 - Mercado, informação e sistema de preços

1.1.1 - As oposições *mainstream*/heterodoxia

a) No modelo walrasiano de equilíbrio geral, os preços transmitem, **gratuitamente**, para a totalidade dos agentes econômicos, a totalidade da informação espalhada no mercado. No âmbito de um processo centralizado, no qual existe uma flexibilidade perfeita e instantânea dos preços, o comportamento racional dos agentes permite alcançar uma situação socialmente eficiente: o ótimo de Pareto. O mercado é “informacionalmente econômico” (Arrow, 1974, p. 4): trata-se de um processo centralizado, no qual os preços de equilíbrio, **determinados *ex ante* pelo leiloeiro**, permitem alcançar, instantaneamente, uma situação na qual a oferta é igual à demanda.

Os novos clássicos analisam, a partir do instrumental metodológico neoclássico (racionalidade microeconômica, *market-clearing* e estabilidade do equilíbrio), situações nas quais a informação é imperfeita. As imperfeições do mercado tornam a informação um bem escasso; como tal, ela adquire um preço e passa a representar um custo para os agentes econômicos. Phelps (1970), por exemplo, explica o desemprego a partir do conceito de desemprego de “busca” (a teoria do *job search*): os trabalhadores adquirirão informações até o custo marginal desta ser igual à sua receita marginal.

Na função de oferta de Lucas (1981), os agentes econômicos confundem o aumento geral dos preços com o aumento dos preços relativos dos serviços e produtos que eles produzem. No caso de um aumento dos preços percebido como temporário, o agente aumenta sua oferta, e o produto real será diferente do produto de equilíbrio. Assim, em função dessas imperfeições da informação, um choque monetário traduz-se por um desvio entre o produto efetivo e o produto de equilíbrio.

b) Ao contrário, a análise clássica da concorrência apresenta as seguintes características: é uma abordagem essencialmente dinâmica, à medida que

estuda as modalidades de ajustamento dos preços sobre a posição definida pelos preços de produção; ela mostra como se realiza, tendencialmente, a igualação das taxas de lucro setoriais. Nessa concepção, trata-se de um equilíbrio *ex post* (Duménil, Lévy, 1987); a concorrência é um processo descentralizado, a partir do qual os mercados se fecham em desequilíbrio; não existe a figura centralizadora do leiloeiro walrasiano, e a oferta não é, obrigatoriamente, igual à demanda.

Esta análise, contrariamente à neoclássica, não é feita em termos de otimização microeconômica pelo fato de os preços de mercado serem diferentes dos preços de produção e por não haver igualação intra-setorial das taxas de lucro. No que diz respeito a este último aspecto, Marx mostra que o valor individual pode ser diferente do valor de mercado e do preço de produção (Marx, 1972, liv.3, p. 195).¹ A partir daí, é possível definir um universo econômico no qual existe incerteza, e, conseqüentemente, não há como implementar um processo de otimização microeconômico (Duménil, Levy, 1987, p. 140).

A análise clássica permite estudar as modalidades de ajustamento **tendencial** dos preços de mercado sobre a posição definida pelos preços de produção. Esse equilíbrio nunca será efetivamente alcançado: a inovação tecnológica cria sempre oportunidades de lucro extra, e a posição de longo prazo representada pelos preços de produção depende das flutuações de curto prazo dos preços de mercado². **Os preços, definidos com base numa informação incompleta e desigualmente distribuída entre os agentes**, não permitem assegurar o processo de *market-clearing*. O mercado é concebido como uma instância descentralizada, a partir da qual as transações se efetuam em situações de desequilíbrio (Duménil, Levy, 1987, p. 141).

As teorias dos equilíbrios não-walrasianos³ consideram que os preços não se ajustam, instantaneamente, nos mercados. A partir do momento em que não existe um processo centralizado de leiloeiro, os preços reais diferem dos preços de equilíbrio, e as transações são efetuadas sem que haja equilíbrio entre a oferta e a demanda; em função da interdependência dos mercados, o desequilíbrio em um mercado propaga-se para o conjunto da economia (*spill-over effect*), e o sistema não gera mais uma alocação eficiente dos recursos. **Os preços não têm condições de transmitir a totalidade da informação necessária ao processo de *market-clearing*.**

¹ Outros trabalhos ressaltam esse aspecto; ver, por exemplo, Herscovici (1997) e Harris (1988, 12, p. 139-167).

² A esse respeito, D. Harris (1998) fala em "(...) *path dependence affecting dynamic economic process* (...)". Ver, igualmente, o conceito de equilíbrio móvel em Alain Herscovici (1997).

³ Ver, por exemplo, Clower (1969) e Bénassy (1984).

- os agentes econômicos adquirem informações baseando-se nas trocas efetivas racionadas e não nas trocas potenciais (nacionais); conseqüentemente, o mercado não fornece um indicador que permita revelar as quantidades desejadas (Leijonhufvud, 1967);
- os salários dos trabalhadores expressam-se sob a forma monetária e não sob a forma de demanda por bens; o mercado não fornece aos produtores os sinais que permitiriam conhecer a demanda real (Leijonhufvud, 1981). A existência da moeda traduz-se, nesse sentido, pela incerteza;
- finalmente, o mercado não tem condições de gerar expectativas perfeitas: um aumento da poupança, por exemplo, pode significar um aumento do consumo futuro; não obstante, os produtores interpretam esse fato como uma queda do consumo (Bénassy, 1984, p. 193);
- a informação fornecida pelo mercado é, por natureza, “imperfeita”; os ajustamentos realizam-se a partir das quantidades, o que pode provocar a existência de capacidades ociosas. Em certos aspectos, essa problemática é próxima da análise clássica. Por outro lado, ela ressalta a incapacidade dos preços de assegurarem uma alocação ótima dos recursos; nesse sentido, trata-se de definir um universo muito mais próximo do universo clássico que do neoclássico (Herscovici, 1997).

Para os pós-keynesianos, a economia capitalista é uma **economia monetária de produção**: a moeda, na sua função de reserva de valor, caracteriza esse tipo de economia. As expectativas de longo prazo formuladas pelos empresários são concebidas num ambiente de **incerteza**; a moeda representa um meio para se prevenir contra a incerteza: sendo um ativo com liquidez imediata e tendo um poder de compra estável, ela permite diminuir a incerteza intrínseca do sistema. Numa perspectiva keynesiana, o processo de produção é um processo temporal no qual existem defasagens importantes: a decisão de produzir é baseada nas expectativas do nível da demanda e constitui uma variável *ex ante*, enquanto a demanda real representa uma variável *ex post*; o jogo da oferta e da demanda não é explicativo, à medida que oferta e demanda se relacionam com períodos diferentes. O sistema de preços não permite assegurar a coordenação de decisões individuais descentralizadas⁴. Ou seja:

- os gastos realizados pelos capitalistas “hoje” dependem de suas expectativas no que diz respeito à demanda “amanhã”;

⁴ A esse respeito, Cardim fala em não-pré-conciliação dos planos individuais em **Moeda, Produção e Acumulação: uma Perspectiva Pós-Keynesiana** (Carvalho, 1992, p. 175).

- por outro lado, existe incerteza em relação aos preços futuros que permitiriam igualar oferta e demanda. O mercado não tem condições de fornecer as informações necessárias para determinar, “hoje”, os preços futuros;
- os mercados são interdependentes, e o desequilíbrio no mercado futuro traduz-se por um desequilíbrio nos outros mercados.⁵

1.1.2 - As implicações em relação à natureza dos mercados: o corte teórico

a) O conjunto das análises ligadas ao *mainstream* permite definir um universo econômico no qual o mercado é concebido como uma instância socialmente eficiente. Os mercados são sempre *cleared*, e os agentes atuam racionalmente igualando custos e receitas marginais. Podem aparecer imperfeições da informação; nesse caso, os agentes econômicos não conseguem obter, através dos preços, a totalidade da informação disponível no mercado, o que gera desvios em relação aos resultados do modelo walrasiano. Esse universo se caracteriza, implícita ou explicitamente, pelo igual acesso à informação por parte dos agentes econômicos. Segundo Muth, as expectativas são racionais quando “(...) são essencialmente o mesmo que as previsões da teoria econômica relevante” (1961). Utilizando a informação disponível, todos os agentes conhecem perfeitamente o modelo teórico e utilizam o mesmo modelo de referência; essas hipóteses são, todavia, restritivas. As imperfeições da informação explicam os desajustamentos que aparecem a curto prazo. As análises de Lucas caracterizam-se pela percepção equivocada dos agentes econômicos: confundem o aumento geral dos preços com o preço do serviço ou do produto que eles oferecem.⁶ Não obstante, no longo prazo, o equilíbrio realizado é walrasiano, a curva de oferta global sendo vertical.⁷

b) Em relação ao *mainstream*, tanto a análise clássica quanto a pós-keynesiana constituem alternativas coerentes: a partir de uma outra definição do universo econômico e de sua dinâmica, e tendo em vista a existência da

⁵ Encontramos essa argumentação em K. Arrow (1974, p. 8) e J. A. Kregel (1980).

⁶ A função de oferta de Lucas é a seguinte: $y_t = y^* + \beta (p_t - p^*t)$, onde y_t representa a oferta real em t ; e y^* , a oferta que corresponde ao pleno emprego; p_t , os preços efetivos; e p^*t , os preços previstos para o período t . Assim, se o nível real dos preços for superior ao nível previsto, os produtores interpretam isto como um aumento de seus preços relativos, e a oferta real torna-se superior à oferta de equilíbrio. Ver R. E. Lucas e T. J. Sargent (1981).

⁷ Para uma apresentação detalhada, ver G. Mankiw (1995, cap. 8 e 11).

incerteza, elas fornecem uma outra explicação do funcionamento do sistema.

É preciso apontar as principais características desse universo:

- em função da existência da incerteza e da ausência de sinal no que diz respeito aos mercados futuros, os mercados não são mais equilibrados, e os agentes econômicos não podem mais atuar racionalmente. Quanto à decisão de investimento, Keynes deixa claro que o empresário iguala o custo marginal à receita marginal **prevista** (Keynes, 1990, p. 115). Se a receita marginal prevista for diferente da real, as possibilidades de maximização microeconômica desaparecem;
- o próprio processo concorrencial existe pelo fato de a informação ser, por natureza, incompleta e distribuída desigualmente entre os diferentes agentes. É possível distinguir, assim, dois tipos de incerteza, a que se explica pelo fato de que não é possível prever o futuro (o caso, por exemplo, da decisão de investimento) e a **incerteza estratégica**, ligada à descentralização das decisões individuais e à interdependência dos agentes (Richardson, 1972);
- a construção neoclássica exclui de seu campo de investigação a concorrência. No modelo walrasiano, as taxas de lucro intra-setoriais tornam-se iguais, o que significa que o conjunto das firmas que compõem a indústria tende a adotar a mesma técnica de produção (Harris, 1988, p. 149); as firmas têm o mesmo acesso à informação tecnológica, e, no nível intra-setorial, não existe lucro extra. Ao contrário, acreditamos que a concorrência se explica pela busca desse lucro extra; no âmbito de um processo de “destruição criativa”, o equilíbrio é rompido cada vez que aparece uma inovação tecnológica. O processo concorrencial explica-se pela distribuição desigual da informação entre os diferentes agentes, seja do ponto de vista do acesso à tecnologia, seja do ponto de vista das estratégias desenvolvidas pelas firmas;
- no âmbito de uma abordagem heterodoxa, os sinais emitidos pelo sistema de preços são, por natureza, imperfeitos e parciais, imperfeitos pelo fato de os diferentes agentes não terem o mesmo acesso à informação (conforme o conceito de assimetria da informação); parciais pelo fato de serem, intrinsecamente, opacos;⁸
- é possível afirmar, assim, que a economia heterodoxa é, principalmente, uma **economia do desequilíbrio** (Duménil, Levy, 2000), e isso tanto no nível micro quanto no nível macroeconômico — **é a reação dos agentes**

⁸ A esse respeito, ver o conceito de viscosidade dos preços em Alain Herscovici (1997a).

e das instituições em relação a determinados desequilíbrios que permite assegurar a regulação e o eventual processo de gravitação, a partir da posição de equilíbrio. Contrariamente à abordagem do *mainstream*, a coordenação não é postulada por hipótese (os mercados não são sempre *cleared*); ela é “imperfeita” e tem que ser concebida como o resultado, nunca plenamente alcançado, dessa atuação dos agentes.

1.2 - O estatuto teórico dos preços: o problema da extração do sinal

1.2.1 - A concepção marxista

A análise das modalidades de regulação torna necessário o estudo da natureza e do papel dos preços em relação à regulação de mercado. Conceberemos os preços de produção como **preços de oferta** (Herscovici, 1999); esses preços não são obrigatoriamente realizados no mercado. No nível microeconômico, o produtor acrescenta a seu custo, avaliado em preço de produção, o equivalente à taxa média de lucro. As empresas que não produzem com o custo equivalente ao custo médio da indústria não vão realizar seu preço individual, já que o mercado reconhece um preço de produção único. **O *mark-up* assim determinado tem que ser concebido com uma variável definida *ex ante*, e seu grau de realização depende da estrutura dos mercados** (Possas, 1987, p. 252 e seg.).

Por outro lado, se a demanda for superior (ou inferior) à oferta, o preço de mercado será superior (ou inferior) ao preço de produção. Nesse caso, as condições de realização serão diferentes das condições de produção. Nessa perspectiva, os preços de produção são determinados *ex ante*, enquanto os preços de mercado são determinados *ex post*; **os preços de produção são preços previstos pelos capitalistas, enquanto os preços de mercado são preços efetivamente realizados** (Herscovici, 1999).

Existem vários níveis de incerteza:

- no nível microeconômico, essa incerteza provém do fato de que, quando o produtor implementa o processo de produção, ele não conhece o preço de mercado. O preço de produção individual definido *ex ante*, em função do diferencial de custos intra-setorial, pode ser diferente do preço de produção próprio à esfera considerada;
- da mesma maneira, a incerteza manifesta-se, no nível mesoeconômico, quando existe uma diferença entre o preço de produção e o preço de mercado;

- finalmente, a partir de certas condições, ela pode se propagar no nível macroeconômico e gerar uma insuficiência (ou um excesso) de demanda.

1.2.2 - A concepção keynesiana

Encontramos uma concepção semelhante em Keynes: o preço de oferta representa um preço previsto *ex ante*, enquanto o preço de demanda representa um preço efetivamente realizado *ex post* (Barrère, 1985, p. 394). Essa dinâmica age tanto no plano micro quanto no plano macroeconômico. Isso foi amplamente enfatizado pelos pós-keynesianos: à medida que é preciso de um certo tempo para a produção tornar-se efetiva, os preços de oferta são preços a prazo: um gasto efetuado “hoje” pelo empresário gera receitas “amanhã” (Davidson, 1978). A introdução do tempo na análise implica que esses dois preços não se igualem obrigatoriamente.

A partir disso, podemos formular as seguintes observações:

- os preços, assim definidos, não são preços neoclássicos, na medida em que não permitem realizar, obrigatoriamente, um ajustamento otimizador nos mercados;
- a dinâmica e a instabilidade poderão ser explicadas a partir dos desvios entre preços *ex ante* e preços *ex post*.

É possível entender, assim, porque a incerteza constitui uma característica do universo definido pela heterodoxia; as expectativas dos diferentes agentes econômicos não são plena e automaticamente realizadas nos níveis micro, meso e macroeconômicos. Conseqüentemente, no nível microeconômico, é impossível maximizar uma função de lucro, ou de utilidade, à medida que os agentes econômicos raciocinam a partir de **valores esperados** e não a partir de valores reais (Kregel, 1980, p. 36). A partir desse tipo de análise, **não existem mercados, no sentido neoclássico, pelo fato de os agentes econômicos não terem condições de “conhecer os termos reais da troca”** (Grellet, 1985, p. 482). Nos níveis micro e mesoeconômicos, os mercados reais funcionam apenas a partir das expectativas dos agentes econômicos; trata-se de um tempo “expectacional” no sentido definido por Shackle; conforme veremos mais adiante, é preciso combinar esse tempo expectacional com as lógicas sociais e históricas ligadas à existência das instituições (Carvalho, 1983-84). Não obstante, nada indica que o funcionamento desse tipo de mercado permite alcançar um equilíbrio estável, nem gerar uma situação ótima. À medida que não existem razões para as expectativas dos agentes econômicos serem plenamente realizadas, os mercados não constituem “um princípio geral de equilíbrio” (Deleplace, Maurisson, 1985, p. 9).

2 - Regulação “imperfeita”, instabilidade macroeconômica e papel das instituições

2.1 - A análise clássica e marxiana

2.1.1 - O processo smithiano de regulação perfeita

No âmbito da escola “clássica” e de seus desenvolvimentos modernos, principalmente a escola neo-ricardiana, a análise é feita a partir da determinação de um centro de gravidade em direção ao qual a economia tende a convergir; **o preço natural, que representa a posição de equilíbrio de longo prazo, é determinado independentemente dos movimentos de curto prazo ligados à variação da procura e da oferta. Durante o processo de ajustamento, o preço natural, determinado a partir do valor-trabalho, e o nível da procura permanecem constantes.**

A curto prazo, temos as seguintes relações:

$$p_m - p_p = f(eD), \text{ com } f'(eD) > 0 \quad (1)$$

p_m = preço de mercado

p_p = preço de produção (preço natural em Smith e Ricardo)

eD = excesso inicial da demanda em relação à oferta

A longo prazo:

$$\delta(O) = eD \quad (2)$$

com $(eD) = \text{constante}$ e $p_p = \text{constante}$

$\delta(O)$ = variação da oferta

A partir dessa concepção, **o tempo utilizado é, por natureza, reversível, ou seja, a-histórico**: o fato de os preços de produção serem constantes durante o processo de ajustamento implica que os agentes econômicos podem modificar sua atuação no curto prazo, o que não provoca modificações no longo prazo. Nesse caso, a atuação dos agentes é totalmente reversível, e a mudança dessa atuação não gera efeitos desestabilizadores em relação à posição de longo prazo (Carvalho, 1983-84, p. 275). Ao contrário, Marx utiliza um tempo histórico, irreversível por natureza. Essa irreversibilidade permite dar conta da incerteza inerente à decisão econômica e explicar a dinâmica da concorrência capitalista.

Essas análises descrevem um processo de **regulação perfeita: a variação das quantidades ofertadas é exatamente aquela que permite,**

ex post, igualar oferta e procura. Isto significa que as expectativas micro-econômicas foram totalmente realizadas; por exemplo, quando a demanda é superior à oferta, o lucro extra atrai novas empresas. Estas produzirão **exatamente** o aumento da oferta necessário para alcançar uma nova posição de equilíbrio na qual a oferta é igual à procura. Essa idéia de coordenação global do sistema é parecida com os resultados da construção neoclássica. **O sistema dos preços fornece o sinal que permite alcançar essa posição de equilíbrio;** seria, assim, possível assimilar o conceito de mão invisível com o de regulação perfeita.

2.1.2 - Regulação “imperfeita” e viscosidade dos preços

a) A regulação “perfeita” implica alcançar uma situação na qual, tendencialmente, $p_{mi} - p_{pi} = 0$. A regulação será qualificada de “imperfeita”⁹ se, por exemplo, a partir de uma situação inicial na qual $p_{mi} - p_{pi} > 0$, a situação final é tal que $p_{mi} - p_{pi} < 0$. O processo de gravitação existe, se $(p_{mio} - p_{pio}) + (dp_{mi}/dt - dp_{pi}/dt) \rightarrow 0$, ou seja, se $K + dp_{mi}/dt - dp_{pi}/dt = 0$; nesse caso, $dp_{pi}/dt = dp_{mi}/dt + K$ ($p_{mio} - p_{pio} = K > 0$). Trata-se da estabilidade do equilíbrio macroeconômico: enquanto a regulação perfeita corresponde a um equilíbrio estável, **a regulação imperfeita corresponde a um equilíbrio instável.**

- Se $dp_{pi}/dt = K + dp_{mi}/dt$, $p_{mi} - p_{pi} = 0$ e a regulação é perfeita e, no final do processo de ajustamento, o equilíbrio é alcançado.
- Se $dp_{pi}/dt < K + dp_{mi}/dt$, não há processo de gravitação, à medida que $p_{mi} - p_{pi} > 0$.
- Se $dp_{pi}/dt > K + dp_{mi}/dt$, $p_{mi} - p_{pi} < 0$; a regulação é imperfeita, pelo fato de passar de uma situação na qual $p_{mi} > p_{pi}$ para uma situação na qual $p_{mi} < p_{pi}$ (o índice o representa o valor da variável no início do processo, e t , sua variação durante o processo de ajustamento).

b) A esse respeito, é interessante observar que **os preços estabelecidos pelos mercados não constituem indicadores eficientes pelo fato de eles não fornecerem o sinal adequado que permita realizar as transferências intersetoriais de capital adequadas:** conforme mostra Steedman (1984), em função da interdependência dos mercados, os desvios entre os preços de produção e os preços de mercado não significam, sistematicamente, um diferencial de lucro no mesmo sentido.

⁹ Para uma análise detalhada, ver Alain Herscovici (1997).

Esse argumento pode ser formalizado da maneira que segue. No caso de uma economia dividida em dois setores, o setor 1 produzindo o capital constante e o 2 os bens de consumo, os lucros, nos dois setores, podem ser representados pelas seguintes equações:

$$\left\{ \begin{array}{l} L1 = pm1 - xC1 - yV1 \\ L2 = pm2 - xC2 - yV2 \end{array} \right. \quad (1)$$

$$(2)$$

Onde ppi representa os preços de produção; pmi , o preço de mercado; Li , o lucro setorial; e x e y , os coeficientes de transformação de C e V em preços.

$$\text{Por exemplo, } L1 > L2 \Rightarrow pm1 - pm2 > x.(C1 - C2) + y.(V1 - V2) > 0 \quad (3)$$

A relação (3) representa a condição necessária e suficiente a partir da qual a um aumento do diferencial dos preços corresponde um aumento, no mesmo sentido, do diferencial das taxas de lucro setoriais; ela indica as condições, em termos de matrizes setoriais *input/output*, ou seja, de interdependência dos mercados, a partir das quais os preços (de mercado) constituem um sinal adequado no que diz respeito ao diferencial de lucro e às transferências intersetoriais de capital correspondentes. Trata-se de comparar o diferencial de receitas, na parte esquerda, com o diferencial de custos, na parte direita. Por outro lado, $pmi > ppi$ implica que o coeficiente de transformação é superior a seu valor de equilíbrio. Assim, o movimento dos preços de mercado em relação aos lucros e às taxas de lucro setoriais não constitui, sempre, um indicador; existem condições restritivas, conforme ressalta a relação (3). O sistema de preços não permite realizar as transferências adequadas de capital.

2.2 - As implicações macroeconômicas

2.2.1 - Uma refutação da lei dos mercados

As hipóteses utilizadas são as seguintes:

- apenas os capitalistas poupam;
- a partir do momento em que as variáveis são expressas em preços, x e y representando os coeficientes de transformação, o lucro dos capitalistas pode ser investido nos dois setores. A variável B representa a parte do lucro dos capitalistas do setor 1 (2) investida em 1 e 2.

$$(I) \begin{cases} yV1 + L1 = xC2 + I1 + I2 \\ xC2 + L1A + L2B = yV1 + L1 \end{cases}$$

I1 representa o investimento realizado no setor 1, e I2, o investimento realizado no setor 2; a partir das hipóteses consideradas, (L1A + L2B) representa a poupança total realizada com uma parte do lucro realizado. Se chamamos Ig e Pg o investimento global e a poupança global, respectivamente, é possível escrever o seguinte sistema:

$$(II) \begin{cases} yV1 + L1 = O1 = xC2 + Ig = D1 & (4) \\ xC2 + Pg = O2 = yV1 + L1 = D2 & (5) \end{cases}$$

O1 e D1 representam, respectivamente, a oferta e a demanda setoriais, e Og, Dg, Ig e Pg, respectivamente, a oferta e a demanda, o investimento e a poupança globais.

$$(III) \begin{cases} (O1 - D1) - (D2 - O2) = Pg - Ig \\ Og - Dg = Pg - Ig \end{cases}$$

O sistema (III) implica que $(O1 - D1) - (D2 - O2) = Pg - Ig$. **Se Pg for igual a Ig, o sistema (III) ressalta o fato de que o excesso de oferta em um setor é automaticamente compensado por excesso de demanda em outro:** $O1 - D1 = D2 - O2$, ou seja, $Og = Dg$. Se, por exemplo, temos $O1 > D1$, o excesso de oferta no setor 1 é compensado exatamente pelo excesso de demanda no setor 2, e a demanda global é igual à oferta global. **Assim, numa situação de equilíbrio macroeconômico em que o investimento global é igual à poupança global, a demanda global é igual à oferta global.**

A demanda global permanece igual à oferta global. Aparece uma diferenciação das taxas médias de lucro dos dois setores, mas as transferências intersetoriais de capital devem, progressivamente, igualar as taxas de lucro setoriais como as ofertas e as demandas setoriais.

Conforme indicava o próprio Say (1972), os desequilíbrios setoriais são apenas temporários, no sentido de não provocarem desequilíbrios globais.

2.2.2 - Instabilidade do equilíbrio macroeconômico e flutuações

a) Utilizando o conceito de economia monetária de produção, e tendo em vista a incerteza a ele ligada, Keynes e os pós-keynesianos refutam a Lei de Say. **Enquanto os modelos keynesianos explicam essa dinâmica a partir da não-correspondência entre as variáveis *ex ante* e *ex post*, os modelos marxistas focalizam a análise sobre as condições de realização da oferta global.** É possível distinguir, assim, as seguintes situações: se $P_g > I_g$, então $O_g > D_g$. Isto corresponde a uma diminuição da renda e, conseqüentemente, a um processo de recessão. Se, ao contrário, temos $P_g < I_g$, isto implica $O_g < D_g$. Nesse caso, o aumento da renda gera um processo de expansão. Contrariamente à análise de Say, os desequilíbrios locais não desaparecem automaticamente; provocam, todavia, desequilíbrios globais e, conseqüentemente, flutuações econômicas.

Não existem razões objetivas para que haja um ajustamento automático entre a poupança e o investimento globais pelas seguintes razões: a economia keynesiana e a marxista caracterizam-se pela antecedência dos gastos dos capitalistas em relação às condições de realização e de geração de renda efetiva. **Nada garante que essas decisões de gastos sejam compatíveis com as condições de plena realização da oferta global** (Kregel, 1984). A oferta global é determinada *ex ante*, enquanto a demanda global é determinada *ex post* (Herscovici, 1997b).

b) **A igualação entre poupança e investimento relaciona-se diretamente com a natureza da moeda:** se a moeda for neutra, ou seja, se ela for concebida apenas como unidade de conta, a “lei dos mercados” é verificada: os excessos de demanda são compensados pelos excessos de oferta, e o sistema alcança novamente o equilíbrio. Há neutralidade da moeda à medida que uma variação do nível geral dos preços não modifica os preços relativos. O mercado, assim definido, auto-regula-se; o excesso de demanda por bens é compensado pelo excesso de demanda por moeda, e, progressivamente, oferta e demanda tornam-se iguais (Blaug, 1986, p.180).¹⁰

c) A igualação entre investimento e poupança relaciona-se, igualmente, com a existência da incerteza. No âmbito de uma abordagem keynesiana, é possível fazer as seguintes hipóteses: enquanto o investimento depende do lucro previsto (a eficiência marginal do capital na Teoria Geral), a poupança depende do lucro realizado.¹¹ À medida que existe incerteza, o lucro previsto não é

¹⁰ Nesse caso, não se considera o “efeito Cantillon”.

¹¹ Trata-se de uma concepção residual da poupança. Por outro lado, consideramos que apenas os capitalistas poupam. Para uma modelização dessa abordagem, ver Alain Herscovici (1997b).

sistematicamente igual ao lucro realizado; nesse caso, não há razões para o investimento ser igual à poupança. No universo definido pelo *mainstream*, ao contrário, não há incerteza; nesse caso, investimento e poupança dependem da mesma variável e igualam-se. Essa igualdade corresponde ao universo neoclássico, no qual o equilíbrio de longo prazo representa a posição na qual todas as expectativas dos agentes econômicos são realizadas.¹²

Conforme já observamos, a partir da Lei de Say, os desequilíbrios setoriais são temporários, e as transferências intersetoriais de capital anulam, progressivamente, o diferencial de taxa de lucro entre os dois setores: o sistema de preços fornece os sinais adequados para o sistema poder alcançar novamente o equilíbrio. Ao contrário, num universo heterodoxo, o ciclo e as flutuações econômicas explicam-se pelo fato de o sistema de preços não fornecer tais sinais; **ele valida decisões que afastam o sistema do equilíbrio, provocando distorções na estrutura do capital** (Soromenho, 1998). Essas distorções se traduzem pela não-adequação entre a oferta e a demanda por bens de capital, ou seja, por uma regulação, por natureza, imperfeita.¹³

2.3 - O papel das instituições

2.3.1 - Instabilidade e instituições

Nesse tipo de perspectiva, a problemática consiste, essencialmente, em assegurar a coordenação econômica de decisões interdependentes a partir de certas formas (ou combinações institucionais) que organizam a distribuição da informação entre os diferentes agentes. Essas atividades de coordenação consistem em implementar **mecanismos estabilizadores** a fim de diminuir a incerteza e a instabilidade gerados pelo funcionamento do mercado. No âmbito de tal problemática, não é possível reduzir essas análises aos seus fundamentos microeconômicos:

- as instituições constituem variáveis, por natureza, macroeconômicas e sociais;
- a problemática, assim definida, é diretamente macroeconômica pelo fato de tratar dos problemas de coordenação; a utilização do agente representativa não é possível por definição.

¹² A esse respeito, ver Milton Friedman (1974, p. 150).

¹³ A esse respeito, Kregel (1980, p. 44) afirma que o mercado não tem condições de fornecer informações para orientar as decisões dos empresários.

Esta análise se diferencia, metodologicamente, da nova economia institucionalista, que analisa essas instituições a partir do instrumental neoclássico.

Os contratos em moeda (como, por exemplo, os salários) representam variáveis estabilizadoras, pelo fato de permitirem prever o nível da demanda; de uma maneira mais geral, os contratos em moeda permitem assegurar a coordenação do sistema (Carvalho, 1992). No âmbito de uma problemática semelhante, as formas institucionais definidas pela escola francesa da regulação constituem, igualmente, variáveis reguladoras. **Trata-se, a partir de determinadas lógicas de regulação, de criar e divulgar informações no que concerne aos mercados futuros.**

Por outro lado, um mercado não pode ser analisado independentemente das instituições sociais que o sustentam; o tipo de regulação que o caracteriza depende de certas instituições historicamente determinadas (Bartoli, 1996, p. 318). **À medida que o mercado não é mais considerado como uma instância universal, socialmente eficiente e auto-reguladora, ele não pode assegurar suas condições de reprodução sem a existência de certas instituições sociais.** Numa perspectiva pós-keynesiana, os contratos em moeda cumprem essa função; no caso da escola francesa da regulação, diferentes **formas institucionais** permitem explicar a perenidade do modo de regulação. Estas cristalizam certas relações sociais, historicamente determinadas, e se relacionam diretamente com a moeda, a relação salarial, as formas de concorrência, as modalidades de inserção na economia nacional e as formas do Estado (Boyer, 1987, p. 50 e seg.). As formas institucionais permitem, no âmbito de um determinado modo de regulação, conter os desequilíbrios, realizar os ajustes macroeconômicos e “assegurar a compatibilidade dinâmica de um conjunto de decisões descentralizadas” (Boyer, 1987, p. 55).

2.3.2 - A economia das “convenções”

O problema colocado relaciona-se diretamente com a possibilidade de auto-regulação do mercado; o *mainstream* sustenta a tese da auto-regulação a partir da racionalidade substantiva e da coordenação dos comportamentos individuais realizada pelo mercado. Por oposição, a heterodoxia caracteriza-se pela racionalidade intrinsecamente limitada, no sentido definido por Simon, e pela ausência de coordenação assegurada pelo jogo do mercado: são precisos outros elementos para permitir a reprodução do sistema, já que o sistema de preços não tem condições de cumprir esse papel. A regulação/reprodução do sistema torna necessária a existência de “arranjos institucionais”, ou seja, de convenções (Favereau, 1990), entre os diferentes agentes econômicos. Nessa perspectiva, trata-se de uma forma de institucionalismo totalmente diferente da vertente neoclássica.

As instituições substituem, parcial ou totalmente, o sistema de preços, como instrumento de coordenação das decisões individuais. Essa incerteza já foi ressaltada no universo definido pela economia clássica e (pós) keynesiana. A teoria dos custos de transação, desenvolvida por Coase e Williamson,¹⁴ baseia-se na racionalidade limitada e na incerteza: esses custos representam, de fato, os custos que as empresas têm que assumir para poder “utilizar” o mercado. Isto pressupõe que:

- o sistema de preços não resume a totalidade das informações necessárias à efetivação das transações: as empresas precisam assumir outros custos relativos à localização dos agentes e/ou às características dos bens;
- já que a racionalidade não é substantiva, existe, obrigatoriamente, “incompletude” da informação e, conseqüentemente, incerteza; os diferentes arranjos institucionais permitem conter essa incerteza;
- os custos de transação representam um meio para lidar com uma incerteza crescente, seja ela tecnológica ou ligada às modificações da demanda. Essa incerteza seria característica dos mercados oligopolistas com alta diferenciação dos produtos;
- finalmente, a Nova Economia da Informação, representada por Stiglitz e Akerlof¹⁵, salienta o fato de que, por natureza, existe incerteza no que diz respeito ao comportamento dos agentes e à qualidade dos produtos; novamente, nesse caso, o sistema de preços falha, e a regulação do sistema torna necessárias certas combinações institucionais.¹⁶ As **assimetrias da informação** que existem na maior parte dos mercados não permitem implementar, a partir do sistema de preços, uma regulação eficiente.

3 - Considerações finais

No final deste trabalho, podemos observar que é possível construir uma análise “institucionalista”, a partir de uma matriz teórica heterodoxa. Esta caracteriza-se por um universo econômico, no qual os preços não cumprem um

¹⁴ A esse respeito, ver a apresentação feita por Huáscar Fialho Pessalí (1997).

¹⁵ Ver, respectivamente, Stiglitz (1987) e Akerlof (1970).

¹⁶ Acreditamos que, de um ponto de vista metodológico, esses autores se diferenciam dos outros economistas “novo-keynesianos”, como Mankiw ou Dornbusch, os quais são muito mais próximos do *mainstream*.

papel de coordenação global, o mercado não se auto-regula e não há como implementar uma racionalidade de tipo neoclássica.

Nessa linha de pensamento, certos autores (Théret, 1991; Polanyi, 1983) já mostraram que, tanto do ponto de vista teórico quanto histórico, o mercado não existe sem processos de regulação “extra-econômicos”; nessa perspectiva, o Estado é considerado como um desses mecanismos reguladores pelo fato de mediatizar e “(...) coordenar práticas sociais antagônicas” (Bartoli, 1997, p. 261).

Se o sistema econômico for concebido como um sistema complexo, é altamente provável que ele gere uma instabilidade estrutural; nesse caso, quanto mais instável o sistema, mais importante será o papel dos diferentes mecanismos institucionais para conter essa instabilidade e assegurar, assim, a regulação do sistema (Vercelli, 1991, p. 36-37).

Bibliografia

AKERLOF G. The market for lemons; qualitative uncertainty and the market mechanism. **Quarterly Journal of Economics**, 1970.

ARROW, Kenneth J. Limited knowledge and economic analysis. **American Economic Review**, mar. 1974.

BARRÈRE, Christian Hypothèses keynésiennes et dynamique des prix. **Keynes aujourd’hui: théories et politiques**. Paris: Economica, 1985.

BARTOLI, Henri. **Economie et création collective**. Paris: Economica, 1997.

BARTOLI, Henri. **L’Économie, service de la vie: crise du capitalisme; une politique de civilisation**. [s.l.]: PUG, 1996.

BÉNASSY, J. P. **Macroéconomie et théorie du déséquilibre**. [s.l.]: Dunod, 1984.

BLAUG, Mark. **La Pensée Economique: origine et développement**. Paris: Economica, 1985.

BOYER, Robert. **La théorie de la régulation: une analyse critique**. Paris: La Découverte, 1987.

CARVALHO, Fernando Cardim. Moeda, produção e acumulação: uma perspectiva pós-keynesiana. In: MOEDA e produção: teorias comparadas. Brasília: UnB, 1992. p. 175.

CARVALHO, Fernando Cardim. On the concept of time in Shackle and Sraffian economics. **Journal of Post-keynesian Economics**, Cambridge: [s.n.], v. 6, n. 2, Winter, 1983-1984.

CLOWER, R.W. The keynesian counterrevolution: a theoretical appraisal. In: Hahn, F. H., BRECHLIMGEDS, F. R. P. **The theory of interest rates**. [s.l.]: Mac Millan, 1969.

DAVIDSON, Paul. **Money and the real world**, London: Mac Millan, 1978.

DELEPLACE G., MAURISSON P. Introduction. In: L'HÉTÉRODOXIE dans la pensée économique, Cahiers d'Economie Politique, anthropos, Paris, 1985.

DUMÉNIL, G., LÉVY, D. **Déséquilibre et satbilité**: proportions et dimension. Paris, oct. 2000. mimeo.

DUMÉNIL, G., LÉVY, D. The dynamics of competition: a restoration of the classical analysis. **Cambridge Journal of Economics**, [s.l.: s.n.], v. 11, p. 133-164, 1987.

FAVEREAU, Olivier. L'économie des conventions: son objet, sa contribution à la science économique. **Problèmes économiques**, Paris: La Documentation Française, n. 2167, 21 mars 1990.

FRIEDMAN, Milton. Comments on the critics. In: GORDON, R.J. (ed.). **Milton Friedman's monetary framework: a debate with his critics**. Chicago: University of Chicago, 1974. p. 150.

GRELLET, Gérard, Salaire monétaire et repartition. In: KEYNES aujourd'hui: théories et politiques. Paris: Economica, 1985. p. 482.

HARRIS, Donald. On the classical theory of competition. **Cambridge Journal of Economics**, v. 12, p. 139-167, 1988.

HERSCOVICI, Alain. Modelo de crescimento a dois setores, equilíbrio macroeconômico e instabilidade estrutural. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEC, 25., Recife. **Anais...** Recife, dez. 1997b.

HERSCOVICI, Alain. Os fundamentos macroeconômicos da regulação de mercado: uma análise a partir de Marx e de Keynes. **Cadernos de Economia**, [sl.]: UFES/Programa de Pós-Graduação em Economia, maio de 1997a.

HERSCOVICI, Alain. **Processo de gravitação, concorrência e preço de produção**: uma perspectiva dinâmica. Boston: Conference of the International Working Group on Value Theory, mar. 1999.

HERSCOVICI, Alain. Valor e preço de mercado: dinâmica concorrencial, equilíbrio "gravitacional" "regulação" imperfeita. **Cadernos de Economia**, [s.l.]: UFES//Programa de Pós-Graduação em Economia, maio 1997.

KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1990.

KREGEL, A. Markets and institutions as features of a capitalistic production system. **Journal of Post-keynesian Economics**, v. 3, n. 1, fall 1980.

LE CACHEUX, Jacques. Les apports de la nouvelle école classique à l'analyse économique, **Problèmes économiques**, Paris: La Documentation Française, n. 2177, 30 mai 1990.

LEIJONHUFVUD A. Keynes and keynesians: a suggested interpretation. **American Economic Review**, v. 52, n. 2, 1967.

LEIJONHUFVUD A. **On keynesian economics and the economics of Keynes**. New York: Oxford University, 1981.

LUCAS, R., SARGENT, T. J. **Rational expectations and econometric practice**. London: George Allen and Unwin, 1981.

MANKIW, G. **Macroeconomia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1995.

MANKIW, G. The growth of Nation. **Brooking Papers on Economics Activity**, v. 1, 1995.

MARX, Karl. **Le Capital**. Paris: Editions Sociales, 1972.

MUTH, John F. Rational expectations and the theory of price movements. **Econometrica**, v. 29, 1961.

PESSALÍ, Huáscar Fialho. Teoria dos custos de transação: uma avaliação crítica. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 25., Recife. **Anais...** Recife: ANPEC, dez. 1997. vol. 2.

PHELPS, E. S. et al. **Micro-economic foundations of employment and inflation**. [s.l.]: Norton, 1970.

POLANYI, Karl. **La grande transformation: aux origines politiques et économiques de notre temps**. Paris: Gallimard, 1983.

POSSAS, Mario Luiz. **Dinâmica da economia capitalista: uma abordagem teórica**. [s.l.: s.n.], 1987.

RICHARDSON, G. B. The organisation of Industry. **Economic Journal**, v. 82, 1972.

SAY, Jean Babtiste. **Traité d' économie politique**. Paris: Calman-Lévy, 1972.

SOROMENHO, Jorge Eduardo de Castro. Os novos clássicos e a teoria dos ciclos de Hayek. **Revista de Economia Política**, v. 18, n. 3, jul./set. 1998.

STEEDMAN, Ian. Natural prices, different profit rates and the classical competitive process. In: **The Manchester School of Economics and Social Sciences**, v. 2, 1984.

STIGLITZ, J. E. Information and economic analysis: a perspective. **Journal of Economic Literature**, mar. 1987.

THÉRET, Bruno. **Comment penser l'interaction entre l'économie et le politique?** Pour une approche topologique des médiations monétaires et juridiques. Salvador, nov. 1991. Papier présenté au Colloque UFBA/GREITD.

VERCELLI, Alessandro. **Methodological foundations of macroeconomics: Keynes and Lucas.** Cambridge University, 1991.